

ÁREAS RESIDUAIS DE SISTEMAS VIÁRIOS: PROJETO E APROPRIAÇÃO PÚBLICA - RUA AGOSTINHO RODRIGUES FILHO, BAIRRO VILA MARIANA, SP

Ana Paula Gusmão Dos Santos
Fernanda Jimenez Garcia Bozzi
Marcella Ferreira Lobo Crosato
Priscila Andrea Ibacache Reye

Alunas do curso de arquitetura e urbanismo do
FIAM-FAAM Centro Universitário

Helena Napoleon Degreas

Arquiteta e Urbanista, Professora do Programa de
Mestrado Profissional Projeto, Produção e Gestão do
Espaço Urbano do FIAM-FAAM Centro Universitário.

E-mail: helena.degreas@fiamfaam.br

Resumo

As diversas formas que assumem as cidades brasileiras são, enquanto sistema, resultantes da somatória e inter-relação entre os espaços livres de edificação e edificados, entre as questões de propriedade da terra – pública e privada, entre a aplicação ou não da legislação urbana bem como da materialização de políticas públicas para o incentivo da economia (produção e consumo) além das ideologias vigentes para a produção do espaço urbano. As mudanças na forma de apropriação pública dos espaços destinados à caminhar urbano vem sofrendo alterações nas últimas décadas. Faz-se necessária, portanto, a atualização dos instrumentos de pesquisa associados ao

conhecimento do espaço urbano. Esta pesquisa de iniciação científica surgiu a partir de trabalhos realizados pelo escritório modelo do curso de arquitetura e urbanismo do FIAM-FAAM Centro Universitário. Dando andamento aos estudos do Projeto de Pesquisa Sistema de Espaços Livres, parte integrante do programa de mestrado profissional Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano da mesma instituição de ensino, o objetivo deste trabalho de pesquisa foi o de refletir sobre a forma e as condições físicas ofertadas pelos espaços livres destinados à fruição e apropriação das pessoas com foco em comunidades de bairro, ou ainda, numa escala de projeto local. A partir da aplicação do método de observação urbana de Jan Gehl associado aos instrumentos de análise do Active Design para a realização de diagnóstico e projeto de um sistema de espaços livres composto por áreas residuais urbanas (ruas e glebas) junto à Rua Agostinho Rodrigues Filho, SP. As pesquisas contaram com o suporte metodológico advindo do acordo de cooperação técnica entre a instituição e a organização social Cidade Ativa.

Palavras-chave: sistemas de espaços livres, arquitetura paisagística, urbanismo, active design, calçadas.

Abstract: Residual Areas of Road Traffic Systems: urban design and public appropriation - Rua Agostinho Rodrigues Filho, Vila Mariana neighborhood, SP.

The various urban forms materialized in Brazilian cityscapes can be understood as the result of a complex functioning system made from the the sum, addition, overlaps and subtractions of open spaces and buildings and their relations. In and between this spaces, public life can be realized. The cultural changes that occurred in the last decades have generated social behaviors that change the traditional way of public appropriation of urban open spaces. More than using playgrounds or playing bocce, Brazilian cities need to produce open public spaces that are capable of receiving and welcoming new habits and uses of streets, sidewalks, squares, parks and other urban fabric types that are able to support public realm and need to be created. This article will describe some results of an undergraduate research hosted by the office Lab and headed by Open Spaces System Research Group based on FIAM-FAAM Centro Universitário. The studies were applied on a study case located at Rua Agostinho Rodrigues Filho, SP and it was developed during the 2016 spring classes. It also had the methological support from the NGO Cidade Ativa.

Key-words: open spaces system, landscape architecture, urbanism, active design, sidewalks.

INTRODUÇÃO

Parte das áreas livres que estruturam os Sistemas de Espaços Livres Públicos de São Paulo são compostas por áreas residuais provenientes de desmembramentos de glebas ou resultado da implantação de sistemas viários. Praças, parques e jardins são infraestruturas públicas destinadas à recreação e lazer do cidadão que expressam modelos nem sempre compatíveis com a realidade local espacial, temporal e ambiental. Utilizando-se das ferramentas do Active Design (Safari Urbano) e de observação urbana (Jan Gehl) realizou-se o diagnóstico da Rua Agostinho

Rodrigues Filho incorporando a participação da população para a definição das diretrizes para a realização dos projetos. O resultado apontou para a requalificação das áreas residuais lindeiras às calçadas gerando novos tipos espaciais urbanos.

Localizada na subprefeitura Vila Mariana, região oeste da cidade de São Paulo, a Rua Agostinho Rodrigues Filho é uma via de fluxo de veículos local que liga a rua Napoleão de Barros com a Avenida Rubem Berta, via expressa. Encontra-se na Vila Clementino, tem cerca de quatro quadras e uso misto, com leve preponderância de residência (assobradadas e alguns poucos edifícios altos que dominam a paisagem). O maior fluxo de pedestres ainda é o FIAM-FAAM cujas quadras abrigam aproximadamente 3500 alunos ao longo do dia. Sinuosa, ora estreita ora alargada, a rua tem essa característica morfológica graças ao rio das Éguas que se esconde sob seu asfalto. Juntamente com o córrego Paraguai (sob a Avenida Dr. José Maria Whitaker), compõem os dois braços do córrego Uberaba que se encontram na Avenida Rubem Berta próximo ao Tribunal de Contas da União. Graças ao seu “tamponamento”, a rua apresenta espaços residuais ao longo de todo o seu trecho e, via de regra, ao lado das calçadas.



Figura 1 - Mapa Cidade de São Paulo.
Fonte: Elaborado pelos autores.

A seleção para estudo de caso e desenvolvimento de projeto se deu em função destas características físicas peculiares. Com distintas formas e dimensões, os locais que serão mostrados ao longo do trabalho, apresentam potencial para apropriação pública. De uso misto, a região apresenta escolas (de creches à ensino universitário), passando por várias instituições e fundações que atendem pessoas em situação de vulnerabilidades social bem como pessoas com deficiências funcionais diversas além de clínicas e hospitais nos arredores.

76 Por se tratar de rua com uso local intenso, a análise e diagnóstico da rua deveria utilizar instrumentos de análise urbanística adequados ao uso e realidade local, portanto com participação ativa da população bem como de observação dos hábitos e comportamentos locais. A partir desse pressuposto, o grupo utilizou as ferramentas de pesquisa da organização social Cidade Ativa, parceira dessa proposta. A aplicação do método “safari urbano”, das entrevistas abertas além dos painéis interativos, permitiram o contato com os moradores e usuários do local (alunos, trabalhadores e outros). O objetivo desse trabalho é possibilitar novas funções e usos urbanos para áreas livres, ociosas e sem programa de atividades claro promovendo a sociabilidade humana, o sentimento de pertencimento e identidade do público alvo local. Um segundo objetivo é dar andamento aos estudos vinculados ao programa de pós-graduação em projeto, produção e gestão do espaço urbano do FIAM-FAAM Centro Universitário em associação à Cidade Ativa: a pesquisa prevê a implantação de espaços urbanos de uso coletivo juntamente com os usuários, utilizando o “tactical urbanism” ou ainda, o DIY – *Do it yourself* urbanismo que pela ação direta dos envolvidos, criando espaços novos urbanos a partir da mediação direta da população local quando possível. Nesse último caso, tanto a organização social Cidade Ativa bem como o Escritório Modelo do curso de arquitetura e urbanismo já atuam na organização de ações que envolvem a cidadania ativa como forma de educar as pessoas para interferir em sua realidade urbana.

METODOLOGIA

A compreensão dos processos de produção e ocupação do espaço urbano se deu por meio da aplicação dos métodos apresentados pela ONG Cidade Ativa. Foram aplicados os instrumentos: Observação Urbana de Jan Gehl - sete critérios de análise urbana: segurança, proteção, acessibilidade, diversidade/versatilidade, resiliência/sustentabilidade, atratividade e conectividade feitos com desenho à mão livre; Safari Urbano (observação e registro por croquis); Painéis Interativos com participação da população.

Como parte do escopo acordado entre as equipes que compõem o Escritório Modelo, a primeira etapa do trabalho desenvolvido foi o levantamento técnico e geométrico da Rua Agostinho Rodrigues Filho em toda a sua extensão. Foi possível observar que vários espaços residuais ocorrem ao longo das calçadas tanto de um lado da rua como de outro. Sem função

ou uso possível, as áreas em questão destacam-se pela falta de sentido urbano, funcionalidade ou manutenção: restos de jardins “soltos” acompanhando empenas cegas de muros, esquinas disformes, alargamentos de viário inconsequentes ou ainda, como no caso onde a proposta se deu, estacionamento irregular sobre as áreas com a cobrança dos conhecidos “flanelinhas” que, na falta de proprietário específico ou ainda da ausência do poder público na gestão do local, atuam livremente sobre a área. O local de intervenção foi selecionado pelos moradores que, a pedido, foi avaliado pela equipe de alunos para a realização dos estudos e posterior proposição. Fica na Rua agostinho Rodrigues Filho número 68, Vila Clementino, Município de São Paulo. Trata-se de área de domínio público.

Tabela 1

Classificação proposta por Jan Gehl. Para exemplificar a abordagem do arquiteto frente às formas de qualificação do espaço público, apresentamos a tabela com os “12 critérios de qualidade com respeito à imagem do pedestre”, apresentada na seção “Caixa de Ferramentas” (página 239):

PROTEÇÃO	1. Proteção contra o tráfego e acidentes	2. Proteção contra crime e violência	3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis
CONFORTO	4. Oportunidades para caminhar	5. Oportunidades para ficar em pé e permanecer	6. Oportunidades para sentar
	7. Oportunidades para observar	8. Oportunidades para falar/ouvir	9. Oportunidades para brincar e se exercitar
BEM-ESTAR	10. Escala	11. Oportunidades para aproveitar aspectos positivos do clima	12. Experiências sensoriais positiva

Fonte: GEHL, Jan. (2013) Cidade para Pessoas (p.239). A partir da pesquisa de observação associada às demais avaliações originárias do planejamento urbano tais como o conhecimento do uso de solo, principais referências como equipamentos, estações de transporte próximos e fluxos de pedestres, veículos automotores, motocicletas e bicicletas, foi realizado o diagnóstico.

A aplicação do método de observação de campo permitiu conhecer a dinâmica de vida e cotidiano do local identificando as vias com fluxo intenso de veículos e pedestres, as intersecções problemáticas do seu entorno imediato, os principais pontos de atração com base no deslocamento de origem e destino das pessoas além do impacto causado na vida das pessoas após as recentes obras de readequação do sistema viário realizadas pela subprefeitura Vila Mariana. Essas intervenções colaboraram mais uma vez na criação de esquinas que, apesar de largas, obstruíram sobremaneira o fluxo de veículos criando consequências graves como a passagem dos veículos sobre as calçadas onde mais de três mil alunos passam diariamente. Essa intervenção desastrosa

da subprefeitura por meio da secretaria de obras o bairro, foi objeto de ação corretiva dos alunos que, para resolver de vez a questão de segurança dos pedestres, implantou por meio de urbanismo tático, vários vasos com espécies arbóreas sobre os pontos mais perigosos da esquina impedindo de vez a passagem de veículos sobre as mesmas.

A seguir, são apresentados os resultados da aplicação dos instrumentos de pesquisa.

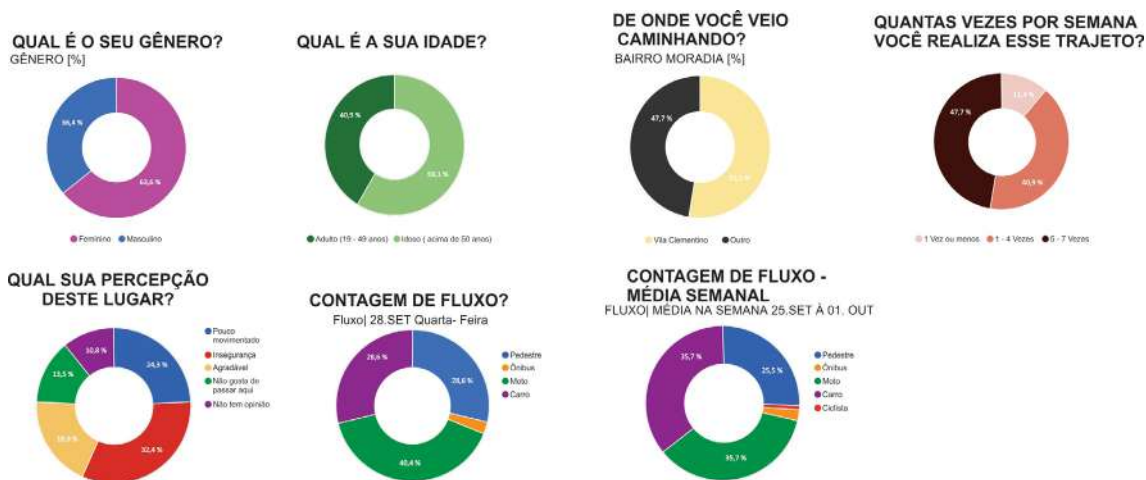


Figura 2 - Gráficos resultantes dos 7 critérios de análise urbana. Fonte: autores. Por meio dos resultados da pesquisa, é possível tabular resultados dos usuários que frequentam o local ao longo da semana. Essa ação que parece simples, gera um conjunto de atividades que levará a um programa de projeto que se adequa à realidade das práticas e comportamentos sociais locais.

Fonte: autores.

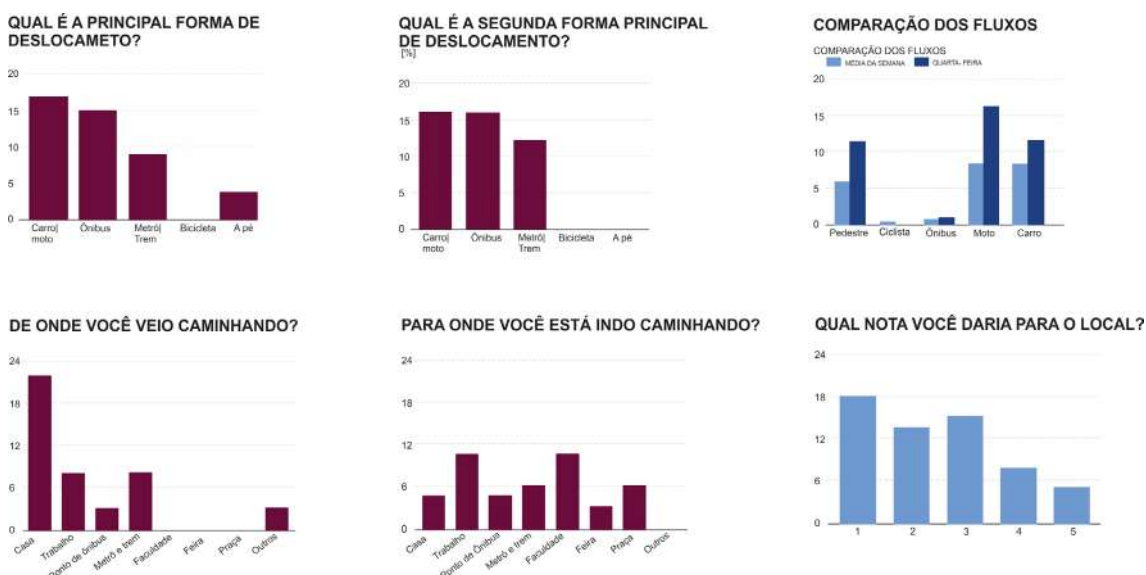


Figura 3 - Gráficos resultantes dos 7 critérios de análise urbana. Fonte: autores. Os resultados das pesquisas fundamentam o desenvolvimento e conclusões do diagnóstico da área. Essa ação permite a posterior definição das diretrizes projetuais tomadas pela equipe na proposta final de intervenção do Espaço Público.

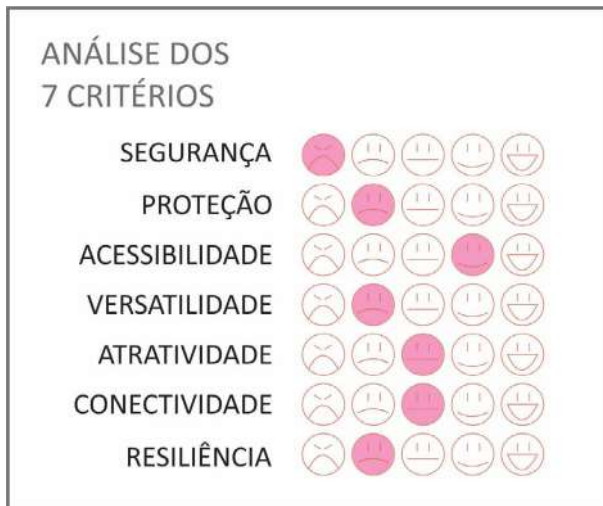


Figura 4 – Classificação dos 7 critérios de análise urbana. Fonte: autores. Os 7 critérios de análise urbana permitem perceber os diferentes comportamentos e usos do espaço na escala do pedestre. O levantamento resulta em avaliações que apontam para as reais necessidades dos usuários. Com essas ferramentas, o programa de atividades vem das pesquisas colaborativas, situação essa que gera projeto de requalificação que tem maior probabilidade de apropriação pública.



Figura 5 - Pontos de medição, trecho de via e interseção. Fonte: autores. Levantamento fotográfico e gráfico do local de intervenção definido a partir das pesquisas realizadas com os moradores e usuários da região. Os instrumentos da pesquisa de observação do espaço permitiram identificar como, onde e de que forma as pessoas usam o local de intervenção. A segunda imagem apresenta o resultado desse levantamento numa planta do local. A área atualmente é ocupada por estacionamento informal.

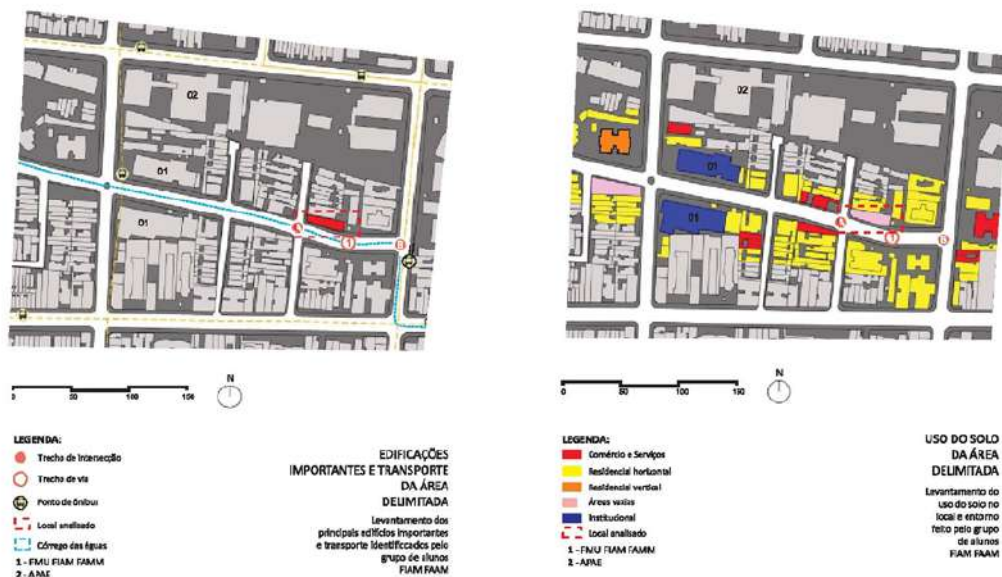


Figura 6 – Levantamento de transportes e usos do solo, trecho de via e intersecção. Fonte: autores. Diagnóstico que revela a infraestrutura de mobilidade, o atendimento de estações de transporte próximo, análise de uso do solo, tipo de edificação, relação com o entorno da área delimitada.



Figura 7 – Análise equipamentos urbanos e fluxo de pedestres e veículos, trecho de via e intersecção. Fonte: autores.



Figura 8 – Medições trecho de via e intersecção. Fonte: autores. Levantamento fotográfico e geométrico do local delimitado para a intervenção. Medição do leito carroçável e passeio abrangendo o trecho de intersecção entre a Rua Leandro Dupret e Rua Agostinho Rodrigues Filho com o objetivo de identificar as características do local que deverá sofrer a intervenção.

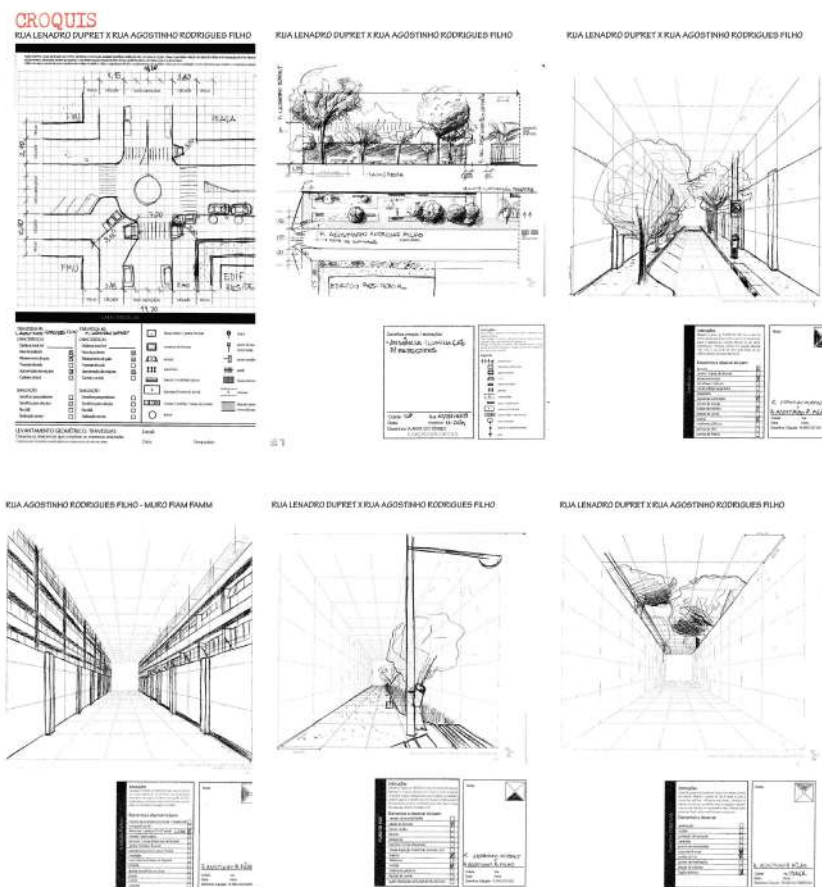


Figura 9 - Croquis elaborados a partir do material criado pela organização social Cidade Ativa. Fonte: adaptado de Cidade Ativa (2015). Fonte: Safári Urbano: metodologia já está disponível para download. Recuperado em 03 março, 2017, de <https://www.cidadeativa.org.br/single-post/2015/11/30/Safári-Urbano-metodologia-já-está-disponível-para-download>

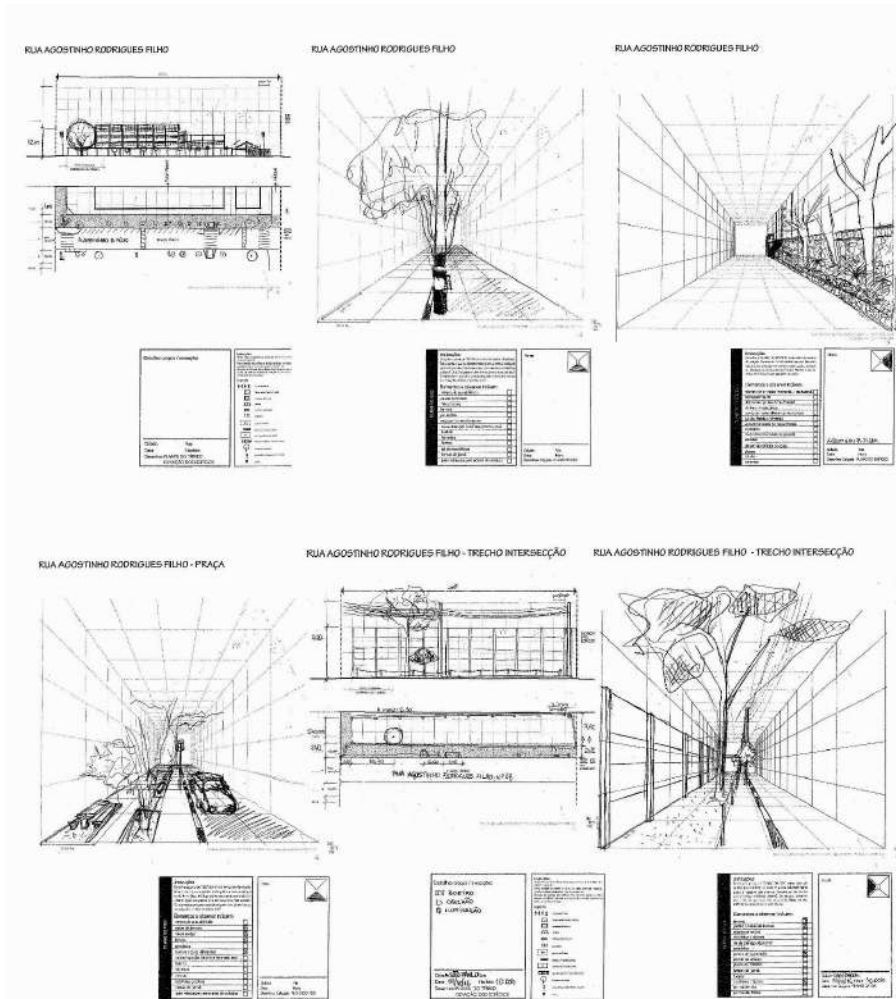


Figura 10 – Croquis elaborados a partir do material criado pela organização social Cidade Ativa
Fonte: adaptado de Cidade Ativa (2015). Fonte: Safári Urbano: metodologia já está disponível para download. Recuperado em 03 março, 2017, de <https://www.cidadeativa.org.br/single-post/2015/11/30/Safári-Urbano-metodologia-já-está-disponível-para-download>

Quem é você?
Quem são as pessoas que frequentam a R. Agostinho Rodrigues Filho

Queremos identificar as histórias de quem frequenta a R. Agostinho Rodrigues Filho, a fim de entender a dinâmica e necessidades do local com o interesse em transformar áreas ociosas em espaços ativos.

Qual é o seu gênero?
Feminino Masculino Outro

Qual é sua faixa etária?
12-18 Anos 19-29 Anos 30-59 Anos 60+ Anos

Qual é sua escolaridade?
Fundamental Médio Superior

Com que frequência você caminha aqui?
Nas 7x na semana De 4x a 6x na semana De 2x a 3x na semana

De onde você vive caminhando?
Casa Trabalho Escola Outro

Qual sua principal forma de deslocamento?
De Casa (Bicicleta) Ônibus A pé De Trabalho Táxi/Uber

* Este pesquisa utilizo a metodologia da Cidade Ativa. **FIAMFAAM**

O que você sonha para a área residual da rua?
O que você sonha para a área residual da rua?

Queremos identificar as preferências e potencialidades do local. Nos ajude respondendo as perguntas abaixo:

Você mora na região?
SIM NÃO

Qual é sua percepção para local?
Pouco movimentado Muito movimentado Insegurança Agradável

O que falta aqui?
Equipamentos para recreação adulta Equipamentos para recreação infantil Equipamentos para animais (pet) Bancos Estantes Quiosque

Qual resto você daria para o local?
Café Bolo Açúcar Pão Massinha

O que você acha de rumo no seu caminho?
Favela Qualidade de Gestão Acessibilidade Sinalização

* Este pesquisa utilizo a metodologia da Cidade Ativa. **FIAMFAAM**

Figura 11 – Painéis interativos elaborados a partir do material criado pela organização social Cidade Ativa.

Fonte: adaptado de Cidade Ativa (2016). Metodologia de pesquisa colaborativa. Recuperado em 03 março, 2017, de <https://www.youtube.com/watch?v=yPnD3vb9FKY>

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A aplicação dos instrumentos de pesquisa associados aos princípios do *active design* e de observação urbana proposta por Gehl permitiram conhecer os usos e comportamentos associados aos usos dos espaços públicos a partir da observação do cotidiano de vida das pessoas num primeiro momento. Associado a esses recursos, foi possível também, conhecer as necessidades e percepções do local por meio do uso dos painéis interativos. Diferentemente das pesquisas usuais em ambientes acadêmicos quando voltadas aos estudos do urbano, a tabulação dos dados obtidos pela aplicação dos instrumentos de pesquisa permitiu construir um repertório de possibilidades funcionais, programáticas e, portanto, de propostas de projeto vinculadas à realidade dos usuários do local. A participação dos moradores - os principais interessados na requalificação do local de vida pública, mostrou-se positiva pois apresentou possibilidades de criação de espaços urbanos em áreas que, para além de residuais, não seriam identificadas pelos instrumentos e técnicas do planejamento urbano modernista como áreas passíveis de apropriação pública e coletiva urbana. O envolvimento com moradores e alunos gerou uma proposta inovadora: as propostas de projeto resultantes dos diagnósticos, levaram os participantes a buscar a construção das propostas por meio do urbanismo tático – criação de novos espaços públicos pela ação direta do cidadão trans-

formando a cidade de maneira participativa e coletiva. Em outras palavras, espaços livres não precisam ser apenas “praças” no sentido tradicional paulista: não há necessidade de implantação de playgrounds, equipamentos de ginástica ou outros mobiliários e equipamentos distribuídos à exaustão pela cidade de São Paulo.

O trecho em estudo está localizado na Rua Agostinho Rodrigues Filho cumprindo a função de via coletora, ou ainda, via destinada a coletar e distribuir o trânsito entre vias de arteriais, ou de trânsito rápido como a avenida Onze de junho, por exemplo. Ou ainda, a sua existência deve colaborar no deslocamento de uma região a outra. É caracterizada por interseções em nível sem o uso de semáforos. A velocidade dos automóveis não deve passar de 40 km/h. embora não exista sinalização local. O fato é que há intenso fluxo de pedestres, automóveis (ao longo de todo o dia e noite inclusive), veículos de transporte escolar, rota de bicicletas e motocicletas. No quadrilátero estudado, a Rua Loefgreen cumpre as mesmas funções com fluxo de mão única e desembocando na Rua Leandro Dupret e Dr. Bacelar sentido bairro do Paraíso situação essa que por si só justifica o fluxo intenso de veículos, a velocidade alta, a falta de segurança identificada e a hostilidade dos motoristas para com os pedestres no local.

O levantamento geométrico garantiu um diagnóstico diferenciado de fluxos entre os períodos da manhã, tarde, noite, a diferenciação entre os dias letivos e finais de semana. Nos horários de pico, o fluxo de pessoas e de veículos aumentam em 30%. As instituições de ensino são responsáveis por cerca de 50% do fluxo e trânsito local. As medições de fluxo confirmam o uso intenso do automóvel ao longo de todo o dia e no final da noite, a predominância do pedestre – alunos saindo das escolas e frequentando os bares locais. A sensação de insegurança apontada pelas pesquisas é constante ao final do dia. Observou-se nos desenhos que as copas das árvores e sua intensa galharia associada à falta de iluminação sob suas copas cria local escuro, dificultando a visão das pessoas do entorno e portanto, local propício à criminalidade.

Segundo o artigo 61 do Código de trânsito Brasileiro (CTB) a velocidade da via local foi alterada para 40km/h o que trouxe mais segurança aos pedestres, já que as interseções da Rua Leandro Dupret com a Rua Agostinho Rodrigues Filho e Rua Dr. Bacelar e Rua Agostinho Rodrigues Filho não eram providas de rotatórias nem sinalização adequada privilegiando a circulação dos pedestres ocasionando graves acidentes entre transeunte e veículos e entre os próprios veículos. Ainda assim, o desenho resultante da intervenção ocorrida no sistema viário não alcançou o seu objetivo. Uma nova esquina foi criada sem o devido redesenho criando-se com ela, uma situação de insegurança física ainda maior para os alunos da universidade.

Essa situação levou à intervenção do local de forma espontânea pelos principais usuários que, sentindo-se ameaçados pelos automóveis que passavam por sobre a calçada para virar à esquerda, decidiram no mais autêntico DIY urbanismo – *tactical urbanism*, intervir no local dando fim à situação não resolvida pela subprefeitura Vila Mariana.

A instituição de ensino da qual fazem parte os alunos dos escritórios-modelo citados, incluiu iluminação local na escala do pedestre, criou (alunos do curso de Design de interiores, Design Gráfico associados às crianças do instituto de Cegos Padre Chico) um mural de arte coletiva pública na esquina problema, implantou vasos com árvores no local de conversão à esquerda impedindo por completo que os automóveis passassem por cima das calçadas pondo em risco os passantes. Criou também um local de estar na esquina mal projetada denominada pelos alunos de “*lounge urbano*” – sala de estar urbana com mobiliário em concreto criado por eles mesmos.

A INTERVENÇÃO



Figura 12 – Sugestão de projeto da área residual da Rua Agostinho Rodrigues Filho.
Fonte: Elaborado pelos autores.



Figura 13 – Perspectivas com algumas das sugestões de projeto da área residual da Rua Agostinho Rodrigues Filho. Apenas um local para uso contemplativo, passivo. Um lugar para ficar e conversar sem a implantação dos usuais playgrounds ou equipamentos esportivos. Fonte: Elaborado pelos autores.

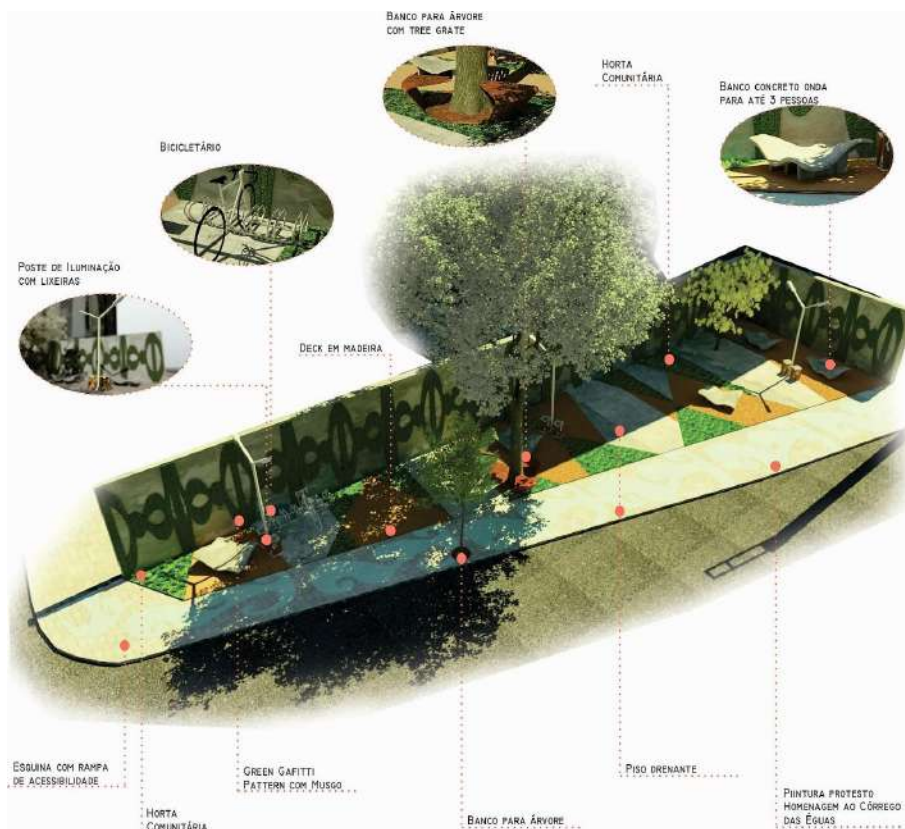


Figura 14 – Detalhamento com a apresentação de elementos do mobiliário urbano. Fonte: Elaborado pelos autores.

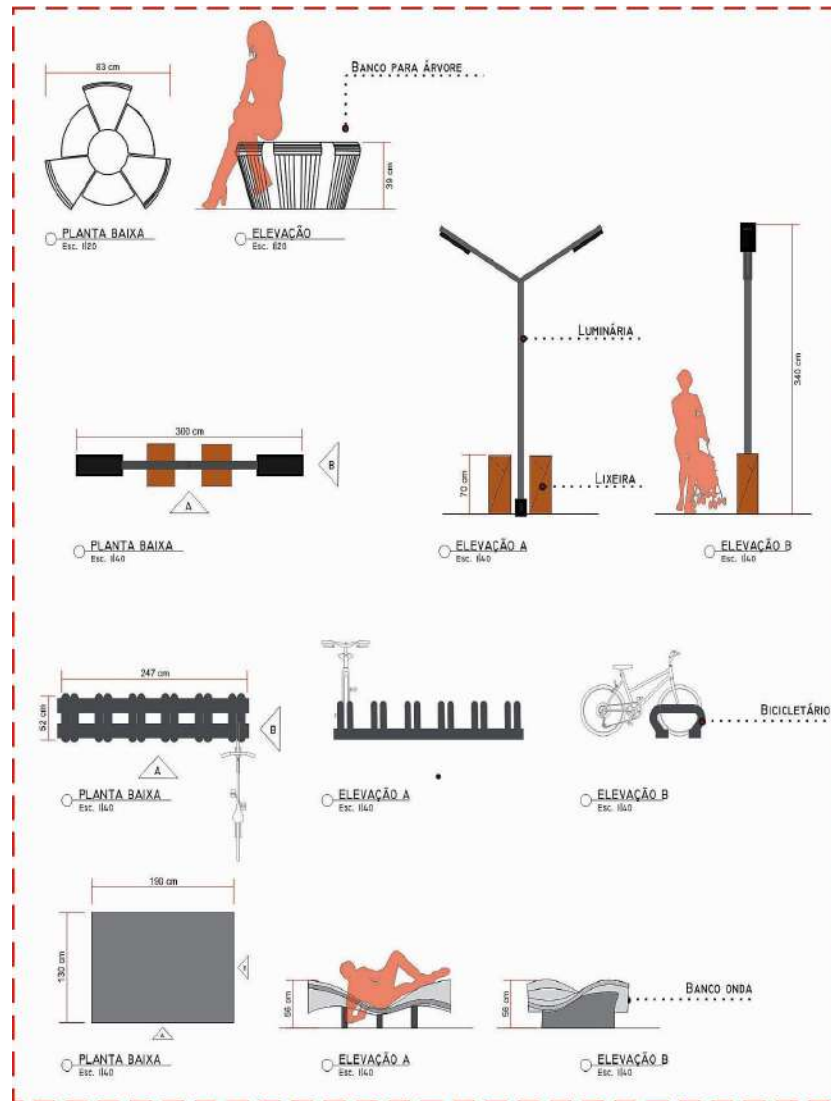


Figura 15 – Detalhamento com a apresentação de elementos do mobiliário urbano. Fonte: Elaborado pelos autores.

CONCLUSÕES

As calçadas são os principais espaços livres públicos que compõem a rede de caminhabilidade e de circulação das pessoas. Lindeiros ao sistema viário, esses espaços atravessam bairros, conectam pessoas às escolas, hospitais, levam ao trabalho, às estações de metrô, trem e ônibus, atravessam praças e parques, permite que a vida pública se materialize. As pessoas não circulam apenas. Elas precisam de lugares para parar, flertar, ler, conversar, observar, descansar – de preferência sentados. A vida pública não é feita apenas de recreação ativa – nem sempre quadras de futebol, playgrounds ou equipamentos de ginástica para idosos são a solução para as comunidades fazerem uso de um lugar. Nossos clientes – moradores e usuários da rua avaliada,

chegaram a pedir paredes com ganchos para que redes pudessem ser penduradas. Tanto os alunos disseram que seria bom estudar numa rede quanto os jovens moradores das vilas que se imaginaram sentados num domingo à tarde, conversando à sombra das árvores do local. Outras ferramentas de análise, na escala do olhar do pedestre, no tempo humano e não apenas na velocidade do automóvel são necessárias. A equipe pretendeu, por meio da aplicação destes instrumentos de avaliação local, colaborar com as discussões iniciadas por Hannah Arendt e mais recentemente abordadas pelo arquiteto dinamarquês Jan Gehl sobre o projeto e a produção de cidades mais humanas, cidades para pessoas.

BIBLIOGRAFIA

Arendt, Hannah (1995). *A Condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária.

Cidade Ativa (2016) Formação Cidade Ativa no escritório modelo da FIAM-FAAM. Recuperado em 2 fevereiro, 2016, em:

<http://www.cidadeativa.org.br/singlepost/2016/12/01/>

Forma%C3%A7%C3%A3o-Cidade-Ativa-no-escrit%C3%B3rio-modelo-da-Fiam-Faam.

Cidade Ativa (2016). Metodologia de pesquisa colaborativa. Recuperado em 03 março, 2017, em: <https://www.youtube.com/watch?v=yPnD3vb9FKY>

Cidade Ativa (2016). Safári Urbano: Metodologia já disponível para download. Recuperado em 03 março, 2017, em:

<https://www.cidadeativa.org.br/single-post/2015/11/30/>

Safári-Urbano-metodologia-já-está-disponível-para-download

Degreas H, Kaneko R, Leite G (2016) Mobilidade Urbana: o caminhar pela cidade de São Paulo, In: *XI Colóquio QUAPA-SEL, Sistemas de Espaços Livres: Transformações e Permanências no Século XXI*. Salvador: 1-14.

Web Urbanist (2017) Do It Yoursel Urbanism. Recuperado em 20 março, 2017 em:

<http://weburbanist.com/2017/04/04/anatomical-street-art-sliced-animal-murals-reveal-disturbing-details/>

Gehl, Jan (2013). *Cidade para Pessoas*. (2.ed., Anita Di Marco, Trad.) São Paulo: Perspectiva.

NYC – Department of Transportation (2013). Active design: shaping the sidewalk experience. Recuperado em 03 março, 2017, em:

https://www1.nyc.gov/assets/planning/download/pdf/plans-studies/active-design-sidewalk/active_design.pdf

Prefeitura do Município de São Paulo: Gestão urbana SP (2016). Rede de Espaços Públicos: guia de boas práticas para os espaços públicos da cidade de São Paulo. Recuperado em 04 janeiro, 2017 em:

http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/20161230_GBPEP.pdf

Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - Prefeitura do Município de São Paulo (2016) Zoneamento ilustrado: texto da lei ilustrado. Recuperado em 03 fevereiro, 2017, em: http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/GEST%C3%83O-smdu-zoneamento_ilustrado.pdf

Speck, Jef (2016). *Cidade Caminhável*. São Paulo: Perspectiva.

Tactical Urbanist's Guide to Materials and Design v.1.0 (2017). Recuperado em 20 março, 2017 em: https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tu-guide_to_materials_and_design_v1